

O DOMÍNIO FUNCIONAL TEMPO-ASPECTO-MODALIDADE NA EXPRESSÃO DO PASSADO IMPERFECTIVO NO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL

Raquel Meister Ko. FREITAG¹

RESUMO: Neste texto, são discutidas as noções semântico-discursivas envolvidas no passado imperfectivo do português falado, com incursões no domínio funcional complexo tempo-aspecto-modalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Passado Imperfectivo. Tempo. Aspecto. Modalidade.

Introdução

Na fala, é recorrente encontrar usos da perífrase de gerúndio – formada pelo verbo *estar* flexionado no pretérito imperfeito do indicativo e o verbo principal no gerúndio, nomeada aqui PPROG –, funcionando em certos contextos como equivalente à forma de pretérito imperfeito do indicativo (IMP). A possibilidade de intercâmbio entre as formas sugere a possibilidade de equivalência semântica, motivando a hipótese de considerar as formas como variantes na expressão do passado imperfectivo. Observem-se (1) e (2), ocorrências da fala de Florianópolis.

¹ Departamento de Letras, Campus Prof. Alberto Carvalho, Universidade Federal de Sergipe. Itabaiana/SE – Brasil. Contato: rkofreitag@uol.com.br

- (1) Na época que eu mais precisei dele, que eu mais precisava de um apoio, foi quando a minha mãe morreu. (SC FLP FAP 03)²
- (2) Aí também foi na época que a gente voltou, a gente estava precisando economizar pra começar nossa vida. (SC FLP FAP 01)

As ocorrências têm a mesma base lexical, o verbo *precisar*, e aparentemente, tanto em (1) como em (2), é possível trocar a forma simples pela composta, sem perda ou distanciamento semântico, como em (3) e (4).

- (3) Na época que eu mais precisei dele, que eu mais estava precisando de um apoio, foi quando a minha mãe morreu.
- (4) Aí também foi na época que a gente voltou, a gente precisava economizar pra começar nossa vida.

Para investigar a possibilidade de as formas funcionarem como variantes, é preciso antes determinar a qual variável as variantes pertencem. Ou seja, definir o que significa o passado imperfectivo no português. O passado imperfectivo é um valor semântico-discursivo que se caracteriza por expressar uma situação que apresenta as seguintes propriedades: i) anterior ao momento da enunciação; ii) concomitante a outra situação que se torna seu ponto de referência; e iii) apresenta-se como em andamento em relação ao ponto de referência (FREITAG, 2007).

Para desdobrar e compreender as noções semântico-discursivas envolvidas no passado imperfectivo, incursões no domínio funcional complexo tempo-aspecto-modalidade são necessárias. As seções a seguir discutem as noções de tempo, de aspecto e de modalidade – valores mais salientes no passado imperfectivo – a fim de delimitar a variável linguística. Porém, primeiramente,

2 A sigla refere-se à identificação da entrevista de onde foram coletadas as ocorrências. O *corpus* é constituído por 36 entrevistas de Florianópolis, uma das cidades do Banco de Dados do projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil), estratificadas quanto ao sexo, três faixas etárias e três faixas de escolarização. As duas primeiras letras referem-se ao estado (Santa Catarina), as três letras seguintes referem-se à cidade (Florianópolis) e o número é o número do informante. A sigla seguinte informa o sexo do falante (F para feminino e M para masculino), a faixa etária (J para 15 a 21 anos, A para 25 a 49 anos e B para mais de 50 anos) e o tempo de escolarização (P para 2 a 4 anos, G para 5 a 8 anos e C para 9 a 11 anos).

a discussão é encaminhada para a busca de um nicho no paradigma verbal do português onde as formas IMP e PPROG se inserem para expressar o passado imperfeito.

O paradigma verbal do português

Os verbos do português do Brasil, conforme aponta a Nomenclatura Gramatical Brasileira, quanto à formação, são classificados em simples e compostos. As gramáticas normativas da língua portuguesa posteriores à NGB consideram como formas compostas as locuções verbais constituídas pelos auxiliares *ter* e *haver*, seguidos pelo verbo principal no particípio (Quadro 1).

No modo indicativo, todos os tempos verbais têm forma composta, exceto o presente e o pretérito imperfeito, tempos que na forma simples entram na formação do pretérito perfeito e do mais-que-perfeito compostos, respectivamente.

O paradigma verbal delineado no quadro 1 está de acordo com o que apresentam as gramáticas normativas da língua. O paradigma verbal do vernáculo é diferente, e duas tendências, aparentemente conflitantes, parecem influenciar a sua constituição: a redução e a emergência de formas.³ As formas verbais compostas constituídas por construções de particípio não têm se mostrado produtivas atualmente. Nem mesmo a forma composta do pretérito mais-que-perfeito, que suplantou a forma simples, e que, por sua vez, vem perdendo forças em relação à forma de pretérito perfeito.

Quadro 1: Conjugações simples e compostas do modo indicativo, voz ativa

Presente		<i>simples</i>	amo
	Imperfeito	<i>simples</i>	amava
Pretérito		<i>composto</i>	-
	Perfeito	<i>simples</i>	amei
		<i>composto</i>	tenho amado
	mais-que-perfeito	<i>simples</i>	amara
Futuro		<i>composto</i>	tinha amado
	do presente	<i>simples</i>	amarei
		<i>composto</i>	terei amado
	do pretérito	<i>simples</i>	amaria
		<i>composto</i>	teria amado

3 Esta comparação toma por base os resultados obtidos nas análises do português falado em Florianópolis. Para mais detalhes, ver Gorski et al. (2002).

Por outro lado, construções de infinitivo e de gerúndio têm emergido.⁴ As construções de infinitivo selecionam o verbo auxiliar *ir* para expressar o futuro do presente do indicativo (*ir*PRES + *Vinfinitivo*), forma que já suplanta a forma simples: *Ele fará* → *Ele vai fazer*. As construções de gerúndio, bastante recorrentes na língua em uso atualmente, embora já constassem de gramáticas do século XVIII, não são contempladas pela classificação verbal da NGB.⁵ Destas, as mais produtivas são as formadas pelo auxiliar *estar*, no presente e no pretérito imperfeito.

As novas formas que surgem não são reconhecidas pelas gramáticas normativas como formas compostas. Alguns gramáticos as denominam de *locuções*, outros, *perífrases*. Locução, forma composta e perifrástica são termos que geram controvérsia, algumas vezes sendo usados como equivalentes. A locução verbal costuma designar construções formadas por dois ou mais verbos para exprimir um único fato verbal. O primeiro verbo é o auxiliar e o último é o principal, em uma das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio). Dentre as locuções verbais, as formadas pelos auxiliares *ter* e *haver* e verbo principal no particípio são rotuladas pelas gramáticas normativas como formas (ou conjugações) compostas. E as demais locuções seriam formas (ou conjugações) perifrásticas. Por convenção, denominem-se formas perifrásticas as construções com verbo auxiliar e forma nominal, não importando as prescrições da gramática normativa (*tinha amado* é uma perífrase, assim como *estava amando*).

4 Cardoso e Pereira (2003), Longo e Campos (2003), entre outros, fazem uma análise descritiva apresentando a emergência das construções de particípio e de gerúndio no domínio temporal e aspectual do português falado no Brasil.

5 Historicamente, outras locuções verbais, constituídas pelos auxiliares *ser* e *estar*, eram consideradas formas compostas, como atesta a gramática de Said Ali (1971), ou mais anteriormente, as tábuas de conjugação de Bacelar (1783) (cf. MENON, 2005). Hoje, as gramáticas normativas rotulam essas locuções como conjugações perifrásticas. De acordo com Viaro, a aversão às formas analíticas é resultado das imposições normativas (norma culta) e da escrita: “Sendo o latim clássico uma língua com maior sintetismo do que as românicas, concentrada mais em terminações casuais e desinências verbais do que na sintaxe, parece natural entender que os estudos sintáticos tenham sido vistos como um componente menor nos estudos gramaticais e linguísticos. Esse panorama epistemológico desenvolveu todo tipo de consequências. Por exemplo, as construções analíticas ou perifrásticas dos verbos não têm nome tradicional: construções como *estava fazendo* não dispõem de nome independente do Pretérito Imperfeito do Indicativo fazia. Além disso, novas construções e até mesmo alterações do sistema não são levadas em conta pela Gramática: quando se diz que cantarei está sendo substituído por *vou cantar*, falta um nome a esse “substituto” do Futuro do Presente do Indicativo.” (VIARO, 2003, p. 167)

Quadro 2: Paradigma verbal do português falado atual

Tempo verbal	Forma simples		Forma perifrástica	
			Canônica	Emergente
<i>Presente</i>		amo		estou amando
	<i>imperfeito</i>	amava		estava amando
<i>Pretérito</i>	<i>perfeito</i>	amei	tenho amado	estive amando
	<i>mais-que-perfeito</i>	amara	tinha amado	
<i>Futuro</i>	<i>do presente</i>	amarei	terei amado	vou amar
	<i>do pretérito</i>	amaria	teria amado	ia amar

O quadro 2 apresenta as formas simples e perifrásticas que constituem o paradigma verbal do português falado (modo indicativo), construído com base nos resultados das investigações de Gorski et al. (2002). As formas perifrásticas canônicas são as previstas nas gramáticas normativas, e que aparecem no quadro 1 com o rótulo de ‘formas compostas’. As formas perifrásticas emergentes são construções com verbo auxiliar e forma nominal que podem ser consideradas gramaticalizadas, no sentido de serem regulares, ou seja, constarem da gramática de usos do falante, do mesmo modo que as formas canônicas.

As formas do quadro 2 que estão taxadas – formas simples de pretérito mais-que-perfeito e de futuro do presente – são pouco produtivas, e podem ser consideradas em desuso no português atual.⁶ Diferentemente do espanhol, língua em cuja gramática tradicionalmente as formas verbais compostas têm valor temporal de anterioridade em relação às simples, no português não existe uma característica de uso que agrupe as formas simples e compostas. Tomem-se os dois tempos do passado que têm uma forma composta canônica, o pretérito perfeito e o mais-que-perfeito. Na oposição *fez/tem feito*, o pretérito perfeito simples tem uso relacionado à expressão de situações passadas vistas como um todo, já o pretérito perfeito composto parece ter uma nuance

6 O futuro do presente é um tempo verbal que está em declínio na fala de Florianópolis, contabilizando apenas 10 das 743 ocorrências de formas verbais que expressam futuridade (presente do indicativo, futuro do presente simples e composto, perífrase *ir + gerúndio*). Destas, três referem-se ao mesmo contexto de futuridade. E outra ocorrência é uma citação, um provérbio popular: *Porque dizem assim “Ah, me dizes com quem andas, que te direi quem és.”* (SC FLP FBG 16) (GIBBON, 2000, p. 72). No mesmo corpus não são encontradas ocorrências da forma simples do pretérito mais-que-perfeito (COAN, 1997).

relacionada à frequência e continuidade de situações passadas, que podem se estender ao momento da enunciação. Já no caso do mais-que-perfeito, o par *fizera/tinha feito*, pelo menos no plano das prescrições gramaticais, parece ter equivalência semântica (COAN, 1997), apesar de os usos da forma simples terem se deslocado para o plano da modalidade.

Com a entrada das construções emergentes, os critérios ficam mais difíceis de serem determinados. Há ainda que se considerar que formas verbais prototípicas de um dado domínio assumem funções prototípicas de outro domínio, como acontece com o presente do indicativo, que assume valores característicos do futuro do presente, e do pretérito perfeito, que assume valores característicos do pretérito mais-que-perfeito (CAMARA Jr., 1967; COAN, 1997). O passado imperfectivo é um domínio funcional que parece estar passando por uma transição entre formas, tal como ilustrado nos pares (1)-(2) e (3)-(4). Nas seções seguintes, são apresentadas e discutidas as noções de tempo, de aspecto e de modalidade envolvidas no domínio funcional do passado imperfectivo no português falado.

O domínio TAM

Domínio funcional é o escopo de atuação de uma dada função desempenhada por uma (ou mais) dada forma em uma dada língua. O termo domínio funcional foi postulado por Givón (1984), e costuma ser evocado frequentemente em estudos funcionalistas da língua. Hopper (1991, p. 22-23) define o termo como alguma área funcional (tempo, aspecto, modalidade, caso, referência) que frequentemente se torna gramaticalizada (no sentido de entrar na gramática da língua).

Tempo, aspecto e modalidade são domínios funcionais direta ou indiretamente ligados a verbos. A complexidade desses domínios funcionais decorre do fato de as categorias verbais serem elementos gramaticais fortemente dependentes do contexto e as fronteiras nem sempre serem claras e precisas, impossibilitando a dissociação de um domínio do outro. Não é o morfema IMP ou a construção PPROG que expressam o valor imperfectivo; o contexto determina a leitura, que considera também a atuação de adjuntos adverbiais, traços do próprio item lexical verbal ao qual o morfema (ou a construção) se associa, a extensão da situação, a configuração sintático-semântica da referência, entre outros fatores. A recorrência do arranjo dos traços pode vir a ser convencionalizada e associada à forma, via gramaticalização.

Na prática, é impossível dissociar os domínios funcionais do tempo, do aspecto e da modalidade. A expressão desses valores frequentemente se sobrepõe, pois uma mesma forma, seja item lexical ou gramatical, pode ser responsável pela codificação de tempo, aspecto ou modalidade, sem ser possível dissociar um domínio do outro. Observe-se o caso do IMP: de acordo com as gramáticas normativas da língua portuguesa, *-va* é a desinência modo-temporal de verbos regulares da 1ª conjugação; não é possível dizer que *-v-* é responsável pelo tempo e *-a* pelo modo. O conjunto é que assume valores de tempo, modo e aspecto, que interagem entre si. Por isso, por opção metodológica, os domínios funcionais costumam ser isolados, e, neste caso, os valores de IMP e PPROG são considerados individualmente no plano do tempo, do aspecto e da modalidade.

Tempo

Tradicionalmente, os estudos de categorias verbais costumam inspirar-se na proposta do lógico Hans Reichenbach (1947) para definir as relações temporais. Aplicações para o português podem ser observadas nos estudos de Corôa (2005), Ilari (1997), Gorski et al. (2002), entre outros. Para Reichenbach (1947), os tempos verbais são determinados pela ordenação do momento da situação em relação ao momento de referência e ao momento do ato de fala de um dado enunciado. Denomine-se momento da fala ao momento da enunciação. A partir da definição desse ponto, é possível estabelecer três relações temporais básicas: antes do momento de fala, simultâneo ao momento da fala e posterior ao momento da fala. A fixação de apenas um momento fornece somente três relações temporais. Na proposta de Reichenbach, a expressão do tempo verbal está relacionada a mais dois parâmetros, cujas posições podem ser determinadas a partir do momento da fala: o momento da situação e o momento da referência. O momento da situação é o momento em que a situação ocorre; o momento da referência é um momento que serve como parâmetro – uma referência temporal – para determinar o momento da situação, estabelecido em relação momento da fala. Quando não há referência temporal contextualmente explícita, o momento da fala torna-se o momento da referência. A teoria de Reichenbach (1947) foi proposta com base na língua inglesa e considera o arranjo de três momentos na linha temporal. O inglês não tem distinção entre o valor temporal de pretérito perfeito e de IMP do português: ambas as formas são equivalentes ao *simple past*. A fórmula temporal para o *simple*

past é S,R < F. Porém, Reichenbach estende sua análise ao francês e discute a diferença entre *passé défini* e *imparfait*, oposição que pode ser considerada equivalente ao pretérito perfeito e o IMP no português. Para captar a distinção, Reichenbach incorpora ao seu sistema a noção de tempo estendido, de forma que no *imparfait* (e também no IMP), S não denota um momento, mas um intervalo temporal. A adoção do conceito de intervalo (MATEUS et al., 1983) soluciona o problema dos tempos estendidos de Reichenbach (1947). A inclusão da noção de tempo estendido à teoria de Reichenbach indica, ainda que implicitamente, que o aspecto é um valor significativo na distinção entre o pretérito perfeito e o IMP, uma vez que o contraste entre momento e intervalo tem relação com a percepção da constituição interna da situação. Gorski et al. (2002, p. 226) apresentam outra ordenação para os momentos de Reichenbach, diferenciando no plano temporal o pretérito perfeito (S < R,F) do IMP (S,R < F). Assim, considerando a noção de intervalo, temporalmente, IMP e PPROG expressam um *intervalo temporal anterior ao momento da fala simultâneo ao momento/ intervalo de referência*, cuja esquematização é S,R < F.

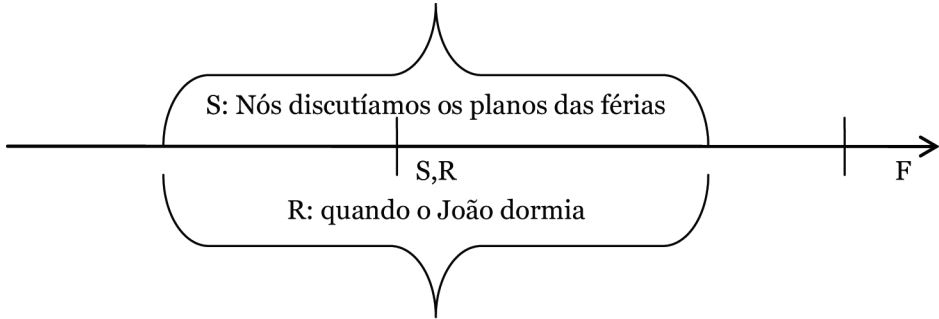
O valor de anterioridade ao momento de fala é facilmente verificável. Porém, a simultaneidade e a referência nem sempre são evidentes como o caráter temporal de anterioridade. Na literatura, o passado progressivo costuma ser associado à expressão temporal de simultaneidade, ou coincidência, com uma referência passada. A noção de simultaneidade/coincidência, no entanto, não é a mais apropriada para expressar a relação temporal entre a situação e a referência. Uma situação é simultânea a outra quando ocorrem ao mesmo tempo. Brucart (2003, p. 8) apresenta uma explicação didática para mostrar que o passado imperfectivo não é simultâneo. Tome-se (5):

- (5) Luis e María coincidieron en el cine. ('Luís e Maria coincidiram no cinema')

O verbo *coincidir* indica que houve algum momento ou intervalo de tempo em que Luis e María estiveram juntos no cinema, e só. Não significa que a estada de Luis no cinema tenha durado exatamente o mesmo que a estada de María, de modo que não podemos inferir se ambos chegaram juntos ao cinema ou o deixaram ao mesmo tempo. A mesma explicação vale para a noção de simultaneidade/coincidência do passado imperfectivo, que é mais adequadamente expressa pelo termo *sobreposição temporal*. Há três tipos de sobreposição,

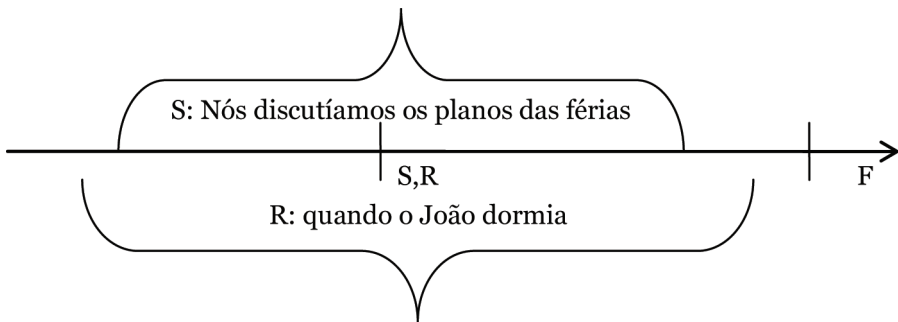
que, em termos de simultaneidade, podem ser definidos do seguinte modo: simultaneidade *absoluta*, simultaneidade na perspectiva da *situação* e simultaneidade na perspectiva da *referência*.

Figura 1: Relação de simultaneidade absoluta



A sobreposição temporal com simultaneidade absoluta, diagramada na figura 1, ocorre quando o intervalo/momento da situação é exatamente da mesma extensão do intervalo/momento da referência. Linguisticamente, a simultaneidade absoluta pode ser marcada pelo conector temporal “enquanto”: *Nós discutíamos os planos de férias enquanto o João dormia*.

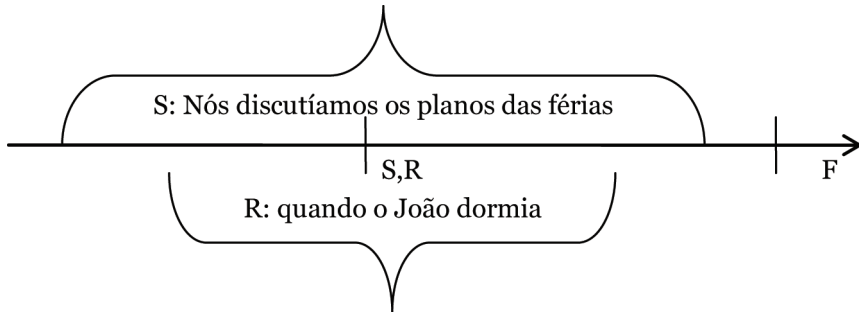
Figura 2: Relação de simultaneidade do ponto de vista da situação



A sobreposição temporal com simultaneidade na perspectiva da situação, diagramada na figura 2, ocorre quando o intervalo/momento da situação é menor do que o intervalo/momento de referência, ou parcialmente recoberto pelo intervalo de referência. A situação é vista como simultânea porque por

toda sua duração há sobreposição com o intervalo/momento de referência; já o mesmo não pode ser dito da perspectiva da referência: a situação tem duração menor do que a referência. E a sobreposição temporal com simultaneidade na perspectiva da referência, diagramada na figura 3, ocorre quando o intervalo/momento da referência é menor do que o intervalo da situação.

Figura 3: Relação de simultaneidade do ponto de vista da referência



Para o passado imperfeito, do ponto de vista *temporal*, qualquer sobreposição entre o intervalo ou momento da situação e o intervalo ou momento da referência são consideradas como *simultaneidade*. Entretanto, o tipo de sobreposição esperado como mais frequente na expressão do passado imperfeito é o de sobreposição temporal na perspectiva da referência, que trava forte relação com a expressão da imperfectividade, como será visto na seção relativa ao aspecto. Porém, enquanto o passado imperfeito é relacionado à expressão de situações durativas, a referência pode ser classificada quanto à sua extensão, se intervalo ou se momento. Quando a referência for considerada intervalo, ou seja, a situação é vista temporalmente como estendida, necessariamente será codificada pelo passado imperfeito no português (a forma de pretérito perfeito apresenta dimensão temporal da situação como fechada, pontual, perfectiva).

A noção de ‘referência’ nas teorias de tempo verbal costuma ser polissêmica, levando à ambiguidade. Para evitar confusões terminológicas, o termo ‘referência/referente temporal’ considera o componente do contexto ativado no ato da enunciação. ‘Referência temporal’ é diferente de ‘ponto de referência’, uma coordenada temporal em função da qual se definem os valores temporal e aspectual de um enunciado. O ponto de referência pode coincidir com o momento da fala, como em (6) ou ser diferente, como em (7) e (8).

- (6) A Maria está em casa.
- (7) A Maria estava em casa quando eu cheguei.
- (8) A Maria já tinha saído quando eu cheguei.

Em (6), o ponto de referência pode ser parafraseado como “no momento em que estou enunciando essa frase” *A Maria está em casa*, ou seja, o ponto de referência coincide com o momento de fala. Já em (7) e (8), o ponto de referência pode ser parafraseado por “ontem”, “na segunda-feira”, “dia 22/02/2002”, ou seja, um ponto de referência anterior ao momento da fala.

Em um enunciado como *Ontem fui ao cinema*, a referência temporal é o dia anterior ao dia em que a frase foi enunciada, e o ponto de referência é o momento de fala, o momento da enunciação. Em *Ontem Maria estava em casa*, a referência temporal é também o dia anterior ao que a frase foi enunciada, porém o ponto de referência é o intervalo de referência recoberto pelo adjunto adverbial *ontem*, ou seja, o ponto de referência também é passado.

O passado imperfeito é um tempo de referência passada que toma como ponto de referência outra situação concomitante, nos termos de Reichenbach (1947). Vejam-se as explorações de alguns autores sobre a questão. Ikeda (1992) salienta que o pretérito imperfeito não se refere a um processo “passado”, mas marca a coincidência entre uma situação e um ponto de referência que é passado, ou seja, anterior ao momento de fala, o que faz com que o pretérito imperfeito presentifique a situação em relação a uma referência passada, ao mesmo tempo em que o especifica, processo que é denominado de *ancoragem do IMP em um ponto de referência*. O ponto de referência pode ser comum a vários pretéritos imperfeitos se eles se referirem a situações presentificáveis em relação a um só ponto de referência.

Campos et al. (1993), baseados em Comrie (1985, p. 58), interpretam o passado imperfeito como um tempo relativo, “porque indica que o ponto de referência para a localização da situação/evento por ele expresso é um ponto dado pelo contexto, não necessariamente o momento presente” (CAMPOS et al., 1993, p. 49). Ao tratar do *imparfait* francês e do *past progressive* inglês, Molendijk (2005) conclui que ambas as formas expressam simultaneidade em relação a uma referência anterior ao momento de fala. O mesmo diz Bonomi (1998) acerca do *imperfetto* e da *perifrasi progressiva* no italiano. A análise

dos autores acima converge nos seguintes pontos: i) o passado imperfeito precisa de um ponto de referência; e ii) nem sempre o ponto de referência está explícito, muitas vezes sendo dado pelo contexto.

A necessidade de contexto para o estabelecimento do ponto de referência do passado imperfeito é ressaltada por Matos (1996), para quem o pretérito imperfeito estabelece uma associação com um ponto de referência que precisa ser identificado a partir do contexto situacional ou linguístico. Considerando a necessidade intrínseca de um ponto de referência ao passado imperfeito, cabe um questionamento essencial para a definição da variável: o ponto de referência é uma categoria propriamente ou é um sub-componente das categorias de tempo, aspecto e modalidade?

Em termos de economia descritiva, é pertinente considerar a referência como uma categoria, possivelmente não no mesmo nível hierárquico do que as categorias de tempo, aspecto e modalidade, já que nem sempre se manifesta por meio de uma forma específica. Porém, há que se considerar que o conceito de *ponto de referência* já vem embutido no pacote teórico de Reichenbach (1947), ou seja, ao optar por esse modelo para discutir a categoria tempo verbal, a noção de ponto de referência como componente do tempo verbal é assumida. Como apresentado na seção a seguir, o ponto de referência também é adotado para a definição dos valores aspectuais do passado imperfeito (GODOI, 1992).

Resumindo, temporalmente, o passado imperfeito é caracterizado pela relação de anterioridade do intervalo da situação ao momento de fala, com a concomitância a um ponto de referência. O modelo de estruturação dos tempos verbais de Reichenbach (1947), requisitado para explicar a relação temporal estabelecida pelo passado imperfeito, também pode ser usado para explicar as relações aspectuais da função: i) na categoria tempo a relação estabelecida entre o momento/intervalo da situação e momento de fala é de *ordenação* (ou seja, o passado imperfeito é caracterizado pela anterioridade do intervalo da situação ao momento de fala) e de *sobreposição* (ou seja, o passado imperfeito expressa uma situação que se sobrepõe ao ponto de referência); ii) na categoria aspecto, discutida na seção a seguir, a relação é de *inclusão*, ou seja, o passado imperfeito é caracterizado pela inclusão do ponto de referência no intervalo da situação, com a consequente sobreposição entre situação e ponto de referência. Em suma, temporalmente, o passado imperfeito é um tempo relativo (ou relativo-absoluto, na definição de

Comrie (1985)) cujo ponto de referência trava relação de sobreposição com a situação e é anterior ao momento de fala.

Aspecto

Enquanto a categoria gramatical tempo é responsável pela constituição temporal externa, uma vez que estabelece relações com o momento de fala e pontos de referência, a categoria gramatical *aspecto* costuma designar os diferentes modos de perceber a constituição temporal *interna* de uma situação (COMRIE, 1976). A marcação de aspecto pode ser considerada como uma escolha estilística, uma vez que o falante opta por marcar ou não o seu enunciado aspectualmente de acordo com a importância que ele atribui à chamada de atenção do ouvinte para a temporalidade interna (BORBA COSTA, 1990).

Quanto à expressão, o aspecto não é marcado exclusivamente por um elemento gramatical. Existem diferentes tipos de manifestação do aspecto. Há o aspecto inerente ao verbo; há o aspecto codificado pela morfologia verbal e, ainda, o aspecto codificado pelos modificadores adverbiais, todos interagindo entre si e resultando no aspecto da situação. Uma consideração a ser feita é que não há consenso também da existência de aspecto como uma categoria em todas as línguas. As línguas eslavas têm uma categoria aspectual, já que possuem oposição binária aspecto marcado/não-marcado no próprio paradigma verbal. Já as línguas românicas não teriam a categoria aspecto porque não há oposição binária no paradigma verbal. Ilari (1997, p. 38), entretanto, reconhece no português uma categoria aspectual, relacionada à expressão da duração, que se manifesta na oposição pretérito perfeito/preérito imperfeito.

O aspecto perfectivo é caracterizado pela perspectiva global da situação, que é expressa fechada, formando uma unidade ou conjunto, cuja constituição interna não interessa referir ou especificar. Já o aspecto imperfeito expressa diferentes nuances da temporalidade interna: que se desenrola (cursivo), ou selecionando fases do tempo interno (inicial, medial, final), ou expressando estados resultativos, dentre outras possibilidades. O aspecto imperfeito não identifica os pontos inicial ou final da situação, mas focaliza o seu desenvolvimento, em contraponto ao perfectivo, que enfatiza os pontos inicial ou final. E a escolha por uma marcação aspectual é influenciada pelo relevo à situação dado pelo falante.

- (9) Eu lembro, eu, durante o período que *estudava*, hoje no local onde é a Imprensa Oficial do Estado, não na Imprensa Oficial, mas onde tem doze salas de aula do Colégio, foram construídas na época do Governador Esperidião Amin, um prédio de dois pavimentos, ali nós tínhamos a nossa horta da Escola. (SC FLP MBC 21)

Independentemente do morfema verbal, o verbo *estudar* codifica uma situação que tem extensão temporal; é o aspecto inerente ao verbo. Em (9), uma pista contextual indica que a situação de *estudar* é acabada em relação ao momento de fala: o verbo *lembrar* (só é possível lembrar de algo que está concluído, acabado). No caso, o falante optou reforçar o relevo ao caráter durativo da situação de *estudar*, já desencadeado pelo adverbial *durante*. Mas o falante também poderia ter escolhido o pretérito perfeito, enfatizando o caráter terminativo da situação, como em (10).

- (10) Eu lembro, eu, durante o período que *estudei*, hoje no local onde é a Imprensa Oficial do Estado, não na Imprensa Oficial, mas onde tem doze salas de aula do Colégio, foram construídas na época do Governador Esperidião Amin, um prédio de dois pavimentos, ali nós tínhamos a nossa horta da Escola.

A escolha da perspectiva sob a qual a situação é apresentada é uma questão estilística do falante, negociada na situação comunicativa. Há casos em que o falante não tem clareza sobre qual a melhor perspectiva para apresentar uma situação, como em (11), em que a falante demonstra dúvida sobre qual propriedade aspectual deveria ser atribuída a *ser pobre*.

- (11) Bom, da minha mãe eu não tenho que dizer nada, né? porque ela toda vida assim me tratou muito bem, me deu muito carinho, tudo o que ela pôde me dar, apesar que a gente *era* toda vida *foi* pobre. (SC FLP FAP 03)

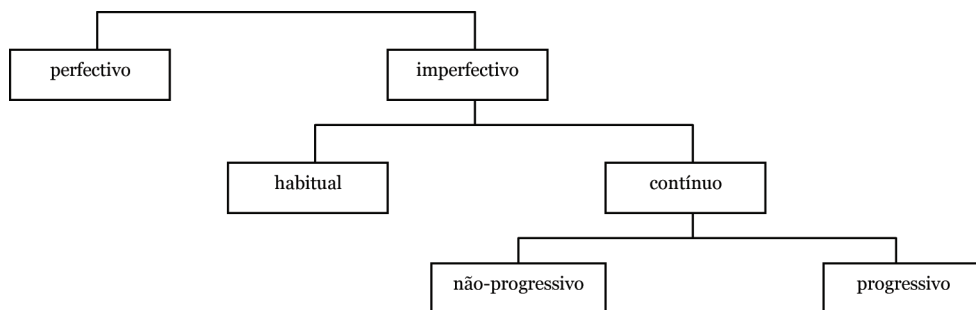
A escolha por *foi*, forma de pretérito perfeito, expressando aspecto perfectivo, enfatiza a delimitação temporal da propriedade; já o uso de *era*, forma de pretérito imperfeito, expressando aspecto imperfectivo, ressalta a extensão da propriedade na estrutura temporal. A propriedade *ser pobre* necessita de uma delimitação temporal (que não pode ser inferida somente a

partir do excerto) para determinar se a situação é acabada ou inacabada. O uso do perfectivo ou do imperfeito não interfere no aspecto acabado/inacabado da situação: *a gente foi pobre (e continua sendo)*; *a gente era pobre (e continua sendo)* ou *a gente foi pobre (e agora não é mais)*; *a gente era pobre (e agora não é mais)*. A associação entre imperfeição e aspecto inacabado e perfectividade e aspecto acabado nem sempre é verdadeira.

Assim, pretérito perfeito e imperfeito são formas verbais que podem codificar passado perfectivo e imperfeito, respectivamente. Assim como a conceituação da categoria aspecto é controversa, também o é a classificação da dimensão imperfeita. Considerando os contextos de uso do passado imperfeito, são analisadas três propostas de classificação aspectual, para ao final chegar-se a uma proposta de classificação que dê conta dos dados sob análise. A primeira proposta é a classificação hierárquica de Comrie (1976), que trata do sentido aspectual mais específico do imperfeito, o progressivo, ao sentido mais amplo, o imperfeito genérico. A segunda proposta é a sistematização de Wachowicz (2003), que adapta a classificação de Castilho (2003) para recobrir as nuances aspectuais das construções com *estar + Vndo*. E a terceira é a proposta de Bertinotto, Ebert e De Groot (2000), que lidam com a noção de perspectivização.

Para Comrie (1976), o aspecto imperfeito contrasta com o perfectivo. Uma situação imperfeita é aquela em andamento em relação a um ponto de referência específico, seja presente ou passado. O imperfeito também é uma característica de um período de tempo que inclui o ponto de referência, como uma situação habitual. É usado em situações de fundo, ao contrário do perfectivo, que codifica situações de figura (sequências de eventos). O imperfeito é o sentido mais geral e mais abstrato da aspectualidade.

Figura 4: Classificação da oposição aspectual (COMRIE, 1976, p. 24-25)



O aspecto habitual recobre uma situação sistematicamente repetida em diferentes ocasiões, presente, passado, ou ambos. A habitualidade pode, ainda, se desdobrar em aspecto iterativo e frequentativo. O aspecto iterativo codifica uma situação que é repetida em uma ocasião específica. Este tipo de aspecto tem restrições lexicais. Já o aspecto frequentativo abarca o sentido habitual, mas especifica a frequência da ação durante o período de tempo.

Uma situação que manifesta aspecto contínuo, seja dinâmica ou estática, caracteriza-se por estar em andamento em relação ao ponto de referência. Já o progressivo codifica uma situação em andamento em relação ao ponto de referência em predicados dinâmicos. A própria posição ocupada na classificação aspectual de Comrie (1976), na figura 4, evidencia que o progressivo é o sentido aspectual mais específico.

O rótulo ‘imperfectivo genérico’, utilizado por Torres Cacoullós (2001), é determinado pelas relações de dominância estabelecidas na proposta de classificação aspectual de Comrie (1976), e pode recobrir qualquer um dos valores aspectuais do imperfectivo. Em caso de ambiguidade entre os valores habitual e contínuo, o único consenso é que se trata de um valor aspectual imperfectivo, daí o rótulo ‘imperfectivo genérico’.

Com base em Castilho (2003) e Verkuyl (1993), a classificação aspectual de Wachowicz (2003) pode ser considerada composicional, em que o aspecto de uma situação é o resultado final decorrente da interação entre o aspecto inerente do verbo, o objeto do verbo, o tipo de complemento adverbial e, por fim, o contexto. A classificação de Wachowicz foi proposta para construções do português formadas por *estar + Vndo*.

Fundamentada ainda nas constatações de Godoi (1992), a autora afirma que a forma do PPROG e a do IMP estão co-ocorrendo com a mesma função semântica no português (WACHOWICZ, 2003, p. 214), portanto, a sua proposta de classificação aspectual também deve dar conta dos dados de passado imperfectivo. Wachowicz toma como ponto de partida a classificação de Castilho (2003) e propõe a classificação do quadro 3.

Quadro 3: Classificação aspectual (WACHOWICZ, 2003, p. 5)

Valores aspectuais/exemplos				
Estados de coisas	<i>Permansivo</i>	<i>A árvore está vivendo</i>		
	<i>Operativo</i>	Critério quantitativo	Episódico	<i>João está plantando uma árvore</i>
			Iterativo	<i>João está plantando três árvores</i>
		Critério qualitativo	Habitual	<i>João está plantando árvores</i>
			Perfectivo	<i>João plantou uma árvore</i>
	Imperfectivo	<i>João está plantando uma árvore</i>		
<i>Resultativo</i>	<i>João pôs-se a plantar árvores</i>			

Na classificação proposta por Wachowicz, os valores aspectuais estão pautados em três estados de coisas: *permansivo*, *operativo* e *resultativo*: o estado permansivo não muda no tempo, sendo incontável; o operativo é um estado de coisas que muda no tempo, podendo ser contado; e o resultativo é um estado de coisas que foca o resultado da ação, e não nela própria. O estado de coisas permansivo é homogêneo e contínuo dentro da estrutura temporal, é um estado de coisas que ‘permanece’ no tempo. O estado de coisas operativo é subcategorizado em dois critérios: o da qualidade (*imperfectivo* e *perfectivo*) e o da quantidade (*episódico*, *habitual* e *iterativo*). Esses critérios não são excludentes, pois *João plantou uma árvore* pode ter leitura episódica e perfectiva.

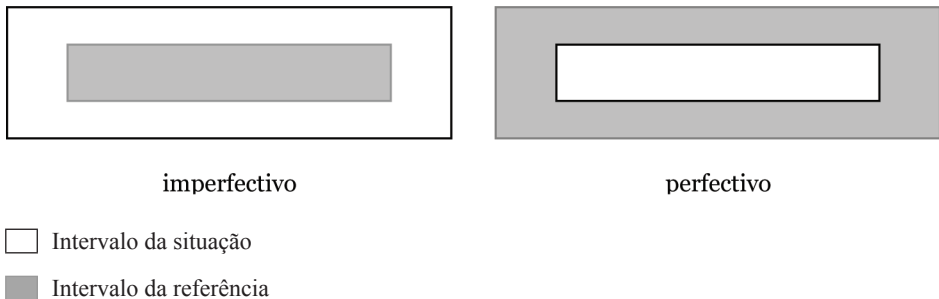
O subcritério qualitativo do estado operativo pode ser visto como a relação entre a situação e os pontos extremos da estrutura temporal. O perfectivo é o aspecto que tem os pontos extremos da estrutura temporal envolvidos na leitura aspectual; já o imperfectivo, não, ou seja, não se interpretam os pontos inicial e final da estrutura temporal. Porém, o fato de os pontos extremos da estrutura temporal não serem delimitados não significa que o imperfectivo não tenha determinação. A linguagem formal da teoria dos conjuntos permite melhor compreender a relação entre a situação e o intervalo da estrutura temporal (ponto de referência) que culminam na interpretação imperfectiva.⁷

Para que um conjunto, ou ponto de referência, não tenha seus pontos extremos interpretados é preciso estar contido totalmente em outro, que tem os pontos extremos interpretados. Ou seja, um intervalo de tempo deve estar

⁷ Não se trata de uma discussão formal acerca do aspecto imperfectivo. Os pressupostos da semântica formal são utilizados para compor a relação estabelecida entre situação e referência que determina a leitura aspectual qualitativa (GODOI, 1992; JOHNSON, 1981; LONGO; CAMPOS, 2003; WACHOWICZ, 2003).

totalmente contido em outro. Se denominarmos o primeiro intervalo de *momento da situação* (S) e ao segundo, de *ponto de referência* (R), podemos operar com os conceitos de Reichenbach (1947), já requisitados na categoria tempo, de acordo com as propostas de Johnson (1981) e de Godoi (1992). Segundo Godoi, se existe um ponto de referência e um momento da situação, a relação entre eles determina a leitura aspectual. Assim, o perfectivo é uma relação de inclusão do momento da situação no ponto de referência, cuja formulação é $S \dot{\subset} R$, em que a situação, contraposta à referência, tem extremidades, é vista como fechada. Já o imperfectivo é uma relação de inclusão do ponto de referência no momento da situação, cuja formulação é $R \dot{\subset} S$, em que a situação, contraposta à referência, não tem extremidades, é vista como aberta. As relações entre situação e referência para a perspectiva qualitativa do aspecto estão esquematizadas na figura 5.

Figura 5: Esquema básico das relações aspectuais na perspectiva qualitativa (GODOI, 1992)



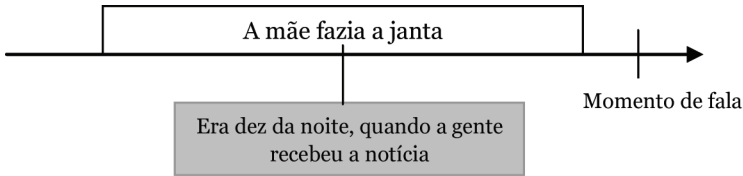
Para entender melhor as relações entre referência e situação, observe-se a esquematização de (12): a situação, expressando passado imperfectivo, é *a mãe fazia a janta*, e há duas informações textuais que determinam a referência temporal: *era dez da noite* e *quando a gente recebeu a notícia que ele se acidentou*.

- (12) Era dez da noite, a mãe *fazia* a janta, quando a gente recebeu a notícia que ele se acidentou. (SC FLP MBC 23)

O esquema da relação entre a situação e a referência de (12) (figura 6) deve ser entendido da seguinte maneira: i) o eixo de orientação temporal é a seta horizontal; ii) a situação é apresentada como em andamento, estendida

(o retângulo branco); iii) a referência é apresentada de modo pontual (o traço perpendicular ao eixo de orientação temporal, que marca o ponto de intersecção entre a situação e a referência).

Figura 6: Esquema da relação situação-referência de (12)



A situação de *fazer a janta* tem, obviamente, um início e um fim. Porém, contraposta à referência, a situação é vista como em andamento, sem comprometimento com a indicação de início ou fim. É preciso ficar claro que a noção de situação em andamento não é marcada exclusivamente pela forma verbal de passado imperfeito. A noção de aspecto adotada é composicional, portanto fatores de outra natureza interagem na determinação do aspecto de uma situação. Retomando, o subcritério qualitativo do aspecto é determinado pela relação entre a situação e a referência. Enquanto na categoria tempo, a relação é de ordenação e sobreposição – o passado imperfeito caracteriza-se pela anterioridade ao momento de fala e sobreposição entre o momento da situação e o ponto de referência –, na categoria aspecto a relação é de inclusão – o passado imperfeito é caracterizado pela inclusão do ponto de referência no momento da situação.

Ainda de acordo com a proposta de Wachowicz (2003), o subcritério quantitativo do estado de coisas operativo refere-se à quantidade de vezes que uma situação ocorre no intervalo da estrutura temporal. A ocorrência de uma situação uma única vez no intervalo da estrutura temporal caracteriza a leitura *episódica*. Já a ocorrência de uma situação mais de uma vez dentro da estrutura temporal pode ser *iterativa*, se a estrutura temporal for determinada, ou *habitual*, se a estrutura temporal for indeterminada.

Quadro 4: Esquema básico das relações aspectuais na perspectiva quantitativa

Recorrência da situação	Intervalo da estrutura temporal	
	Determinado	Indeterminado
Uma vez	<i>Episódica</i>	
Mais de uma vez	<i>Iterativa</i>	<i>Habitual</i>

Castilho (2003) chama de *semelfactivo* e *iterativo* os aspectos operativos qualitativos (ver quadro 3); a distinção entre iterativo e habitual é feita por Wachowicz (2003), embora o autor faça distinção entre iterativo determinado e indeterminado. Quanto ao critério qualitativo, Castilho (2003) subespecifica o imperfectivo em *inceptivo* (duração em que se destacam os momentos iniciais), *cursivo* (situação em pleno curso, sem referência às fases final ou inicial) e *terminativo* (assinala os momentos finais da duração). Se, na perspectiva qualitativa, o imperfectivo é caracterizado pela relação de inclusão do ponto de referência no momento da situação, parece incompatível pensar em recorrência da situação (perspectiva qualitativa do aspecto, quadro 3) em situações imperfectivas cursivas. Ou seja, se uma situação é imperfectiva cursiva, só pode ocorrer uma única vez, logo, tem que ser *episódica/semelfactiva*.

- (13) Setenta e três. Foi campeão pelo Figueirense. E era Figueirense fanático e do Flamengo. Quando o Flamengo perdia, ele *quebrava* o rádio. (SC FLP MAC 19)
- (14) Antigamente, o ônibus que passa por aqui, o caminho pra ir para os Ingleses é um caminho que vem, era mais pra dentro assim, né? é antes do asfalto. Isso é depois que abriu aquele asfalto ali, porque, né? E é, e era morro. Mas aí depois começaram, né? fizeram aquele asfalto tudo ali tiraram o morro completo ali. Mas era um morro assim bem alto mesmo que no dia de chuva o ônibus *quebrava*, né? que era muita lama, que ainda não era calçado. Então a gente perdia tempo à beça esperando que viesse outro ônibus. O ônibus *quebrava* toda hora, toda hora. Mas era a maior dificuldade, sabe? pra gente se locomover de ônibus. (SC FLP MAC 18)

Retomando (12), a situação de *fazer a janta* tem leitura episódica/semelfactiva, pois o intervalo da estrutura temporal é determinado e a situação ocorreu uma única vez. Em (14), a leitura aspectual da situação de *quebrar o ônibus* é habitual, pois ocorre mais de uma vez, em um intervalo de tempo indeterminado. Já a situação de (13) é aspectualmente ambígua. Pode-se imaginar um contexto tal que o Flamengo perdesse recorrentemente durante o Campeonato Brasileiro de 2006 e o sujeito quebrasse o rádio na mesma frequência, teríamos aspecto imperfectivo *iterativo*. Mas, em um contexto tal que se a

crise do Flamengo fosse permanente (ou seja, o Flamengo é um time ruim mesmo), o aspecto da situação poderia ser considerado imperfeito *habitual*.

O aspecto semelfactivo/episódico, dentro da dimensão imperfeita, pode ser visto como progressivo. Bertinetto (2000) esclarece que o termo ‘progressivo’ é polissêmico, na medida em que recobre uma noção semântica (aspectual) e uma manifestação formal (morfossintática). Enquanto em línguas como o inglês existe uma forma específica e uma relação regular entre forma e função para expressar esse valor aspectual, nas línguas românicas o progressivo não necessariamente converge em um padrão morfossintático especializado, gerando polissemias e superposição de formas para a expressão de um mesmo valor semântico. De acordo com a classificação hierárquica de Comrie (1976), o progressivo é o sentido aspectual mais específico, que alimenta as generalizações para os demais valores do domínio aspectual imperfeito, até ao sentido mais genérico, o *imperfeito genérico* (TORRES CACOULOS, 2001).

Bertinetto, Ebert e De Groot (2000) consideram que há distinção entre dois tipos de progressividade: o *progressivo focalizado* e o *progressivo durativo*, ou multifocal. No primeiro, a situação é vista em seu desenvolvimento a partir de um único ponto temporal (ponto de referência momentâneo), denominado “ponto de focalização”, enquanto no segundo, a situação é avaliada em relação a um ponto de referência do tipo intervalo (sucessão de “pontos de focalização”) ou ainda uma focalização pontual que denota a ideia de duração, como uma situação incidente. O progressivo focalizado é o progressivo “puro”, o sentido aspectual mais estrito.

O português parece ser um campo fértil para a análise de um problema – a variação entre IMP e PPROG para expressar passado imperfeito – que tem sido alvo de estudos, especialmente no plano translinguístico. Bertinetto (2000) toma os dados do projeto EUROTYP⁸ para comparar o progressivo nas línguas românicas, em oposição ao progressivo no inglês. Nas línguas românicas, PPROG pode ser empregado, salvo poucas exceções, somente em casos de focalização estrita, em que o falante está concentrado na situação que está em andamento em relação a um ponto temporal específico (*progressivo focalizado*):

8 O projeto EUROTYP (Typology of Languages of Europe) se propõe ao estudo de regularidades, padrões e limites de variação em nove áreas temáticas, por meio de coleta de dados com questionários aplicados a falantes de cada grupo linguístico da Europa. O grupo 6 trata das relações de tempo e aspecto (DÄHL, 2000).

- (15) PRQ:3: /Last night at 8 o'clock/ When John came, Ann still WORK.
(BERTINETTO, 2000)

Catalão: quan en Joan va venir [PRET], l'Anna encara *estava treballant*. [P PROG]
 Francês: quand Jean est arrivé [COMP. PAST], Anne *travaillait*. [IMP] encore
 Italiano: quando Gianni è arrivato [COMP. PAST], Anna *stava ancora lavorando*. [P PROG]
 Português: quando o João chegou [PRET], a Ana ainda *estava a trabalhar*. [P PROG]
 Romeno: când a venit [COMP. PAST] Jon, Ana înca *lucra*. [IMP]
 Espanhol: cuando Juan llegó [PRET], Ana todavía *estaba trabajando*. [P PROG]
 Inglês: when John came, Ann *was still working*. [P PROG]

- (16) PRQ:32: /The pardon arrived/ just when the captain GIVE the sign/to
the firing squad/. (BERTINETTO, 2000)

Catalão: justament mentre el capità *estava fent* [P PROG] el senyal ...
 Francês: justement au moment où le capitain *donnait* [IMP] le signal ...
 Italiano: proprio mentre il capitano *stava dando* [P PROG] il segnale ...
 Português: exactamente enquanto o capitão *estava a dar* [P PROG] o sinal ...
 Romeno: exact în timp ce *ca%pitanul da%dea* [IMP] semnalul ...
 Espanhol: justo cuando el capitán *estaba dando* [P PROG] la orden ...
 Inglês: just while the captain *was giving* [P PROG] the sign ...

De acordo com os dados do EUROTYP, em (16) e (17), PPROG é a forma predominante na realização de aspecto progressivo focalizado, com exceção do romeno e do francês, que aceitam IMP. Quanto ao português, Bertinnetto salienta que a amostra do EUROTYP recobre a variedade de Portugal, onde é mais frequente a construção de verbo auxiliar estático e a forma de infinitivo, ao contrário do Brasil, em que a forma de gerúndio é predominante. Entretanto, o uso de IMP para a PRQ:32, “exatamente enquanto o capitão *dava* o sinal...” parece ser verificável na amostra do VARSUL, como em (12), e também em (17).

- (17) E tu já viste algum acidente em outro lugar?
 F Já. Não faz nem um mês que eu fui lá no Shopping Itaguaçu, fui eu, meu namorado e a mãe dele. Daí a gente não ficou nem cinco minutos no shopping. Aí na porta a gente viu um monte de gente assim, polícia parada, o corpo de bombeiros, ambulância. Daí a gente parou o carro e atravessou pra ver o que era, né? Tava pegando a Via Expressa, perto do Angeloni. Daí quando a gente viu era um Tempra Turbo capotado,

e a moça tinha ido para o hospital, era uma moça e um moço, né? Daí a moça tinha ido para o hospital e o cara morreu. Daí a gente, a hora que a gente *estava olhando*, eles *tiravam* o cara morto ainda. (SC FLP FGJ 06)

Em (17) – uma narrativa de experienciação de acidente –, a informação temporal “a hora que a gente estava olhando” obviamente não se refere a uma hora, composta por sessenta minutos. Trata-se de uma fração mínima de tempo, o tempo de um olhar (*estava olhando*), um instante. O excerto apresenta o uso das duas formas – IMP e PPROG – para expressar o mesmo valor aspectual, o de progressivo focalizado. Mas, como argumentam Bertinetto, Ebert e De Groot (2000), o uso de PPROG não é restrito apenas aos contextos de interpretação puramente focada. Na amostra EUROTYP são observadas – embora predominantemente na presença de adjuntos adverbiais durativos – situações que são concebidas como em desenvolvimento sobre uma extensão temporal, ainda que o intervalo seja específico, configurando o uso de PPROG durativo, como em (18).

(18) PRQ:51: /Moment by moment/ the policeman TAKE NOTES of what the speaker said. (BERTINETTO, 2000)

Catalão:	el policia <i>estava prenent nota</i> [PPROG] del que deia l’orador.
Francês:	le policier <i>notait</i> [IMP] ce que l’orateur disait.
Italiano:	il poliziotto <i>prendeva nota</i> [IMP] di ciò che diceva l’oratore.
Português:	o policia <i>estava a tomar notas</i> [PPROG] do que o falante disse.
Romeno:	<i>polit\$istul nota</i> [IMP] ce spunea vorbitorul.
Espanhol:	el policia <i>anotaba</i> [IMP] lo que decía el que hablaba.
Inglês:	the policeman <i>was taking notes</i> [PPROG] of what the speaker said.

Nesse uso “menos específico”, nos termos de Squartini (1998), a expressão de progressividade durativa se alterna entre as formas IMP e PPROG, com mais versatilidade: além do romeno e do francês, italiano e espanhol preferem a forma IMP para expressar o valor aspectual progressivo durativo. Quanto ao português, pelo menos na variedade contemplada pela amostra do VARSUL, também é possível intercambiar com IMP para expressar o valor de progressivo durativo:

- (19) Então, hoje, assim, também não escuto sempre mas, de repente eu liguei a televisão, ele *estava falando*. (SC FLP FAC 11)

De acordo com Bertinetto (2000), o progressivo nas línguas românicas ibéricas preserva possibilidades de realização dos valores aspectuais que são barradas no seu cognato italiano, como (20).

- (20) a. Nero was fiddling/when Rome burned.
 b. Nerone **stava suonando/suonava* la cetra, mentre Roma bruciava. (Nero *estava tocando/tocava*-3SG-IMP violino enquanto Roma queimava-3SG-IMP)
 c. Nerone *stava suonando* la cetra, quando Roma bruciò. (Nero *estava tocando* violino quando Roma queimou-3SG-PRET)

Em (20) *a.*, a oração principal pode ter duas interpretações: uma leitura simultânea, em que o tocar de violino e o queimar têm (aproximadamente) a mesma duração, e uma leitura inceptiva, de que o início da queima de Roma deu-se em um ponto de tempo em que Nero estava engajado em sua atividade musical. No italiano, Bertinetto (2000) afirma que as duas leituras são claramente distintas, como mostram *b.* e *c.*, e PPROG é barrado em *b.* e requisitado em *c.* Mas, no português, em *b.*, a alternância entre as formas não parece alterar a leitura simultânea, e em *c.*, IMP pode alternar com PPROG sem alterar a leitura inceptiva. O que determina se a leitura é simultânea ou inceptiva, em português, não é a forma de expressão do valor aspectual (IMP ou PPROG), mas a configuração semântico-discursiva da frase: o tipo de verbo e os adjuntos temporais compõem a leitura aspectual, ressaltando a não-convergência entre forma e função para o progressivo que Bertinetto aponta como característica das línguas românicas.

As constatações de Bertinetto (2000) e de Bertinetto, Ebert e De Groot (2000) evidenciam a importância de considerar o aspecto progressivo em uma classificação aspectual para lidar com as formas IMP e PPROG. Para contemplar o aspecto progressivo focalizado e durativo, a classificação aspectual do quadro 4 precisa ser revista. O critério “intervalo da estrutura temporal” precisa prever a possibilidade de um ponto de focalização, para caracterizar o *progressivo focalizado*, e um intervalo propriamente, para caracterizar o *progressivo durativo*. A relação entre intervalo determinado pontual e iteratividade

é barrada, pois a recorrência de uma situação pressupõe extensão temporal. Para simplificar a nomenclatura, lembrando mais uma vez que não há consenso na literatura sobre os rótulos para as categorias aspectuais do imperfeito, fica convencionado que o progressivo focalizado será denominado *progressivo*, e o progressivo durativo, denominado *durativo*.⁹

Quadro 5: Esquema básico das relações aspectuais imperfectivas considerando o progressivo

Recorrência da situação	Intervalo da estrutura temporal		
	Determinado		Indeterminado
	pontual	estendido	*
Uma vez	<i>Progressivo</i>	<i>Durativo</i>	
Mais de uma vez	*	<i>Iterativa</i>	<i>Habitual</i>

De acordo com esta classificação, a situação de (12), reescrita em (21), é classificada como *progressiva*. A situação é vista em função de um ponto focal, marcado textualmente pela oração adverbial temporal *era dez da noite*, que marca um instante no intervalo da estrutura temporal.

(21) Era dez da noite, a mãe *fazia* a janta, quando a gente recebeu a notícia que ele se acidentou. (SC FLP MBC 23)

Já (22) denota uma situação classificada como *durativa*, em que a situação é concebida em função de um ponto estendido (multifocal), do intervalo da estrutura temporal.

(22) Aí também foi na época que a gente voltou, a gente *estava precisando* economizar pra começar nossa vida. (SC FLP FAP 01)

⁹ Cabe ressaltar novamente que a categoria aspecto é repleta de terminologias não consensuais. Para Comrie (1976), aspecto progressivo é um aspecto contínuo que expressa apenas processos; o durativo/contínuo é caracterizado por expressar uma situação em andamento de um estado ou de um evento. Mendes (2005), apoiado em Castilho (2000), adota uma noção de progressivo relacionada com a duração de uma situação até o momento da enunciação, enquanto o durativo/contínuo refere-se apenas à duração concomitante ao momento da referência.

A alternância entre as formas para expressar os valores aspectuais é possível, como atestam (23) e (24), reforçando a ideia de que as formas podem ser tratadas como variantes na expressão de passado imperfeito.

- (23) Era dez da noite, a mãe *estava fazendo* a janta, quando a gente recebeu a notícia que ele se acidentou.
- (24) Aí também foi na época que a gente voltou, a gente *precisava* economizar pra começar nossa vida.

Modalidade

A modalidade não parece, à primeira vista, um valor saliente nos contextos de *passado imperfeito*. Entretanto, Godoi (1993) e Corôa (2005) sugerem uma proposta que atribui a diferença do uso entre a forma simples e a forma composta do passado imperfeito ao plano da modalidade.

Godoi (1993) propõe que a diferença entre a forma progressiva e a não-progressiva não está no plano temporal nem no plano aspectual, mas sim na oposição *evidência/conhecimento*, no domínio da modalidade (PALMER, 1986). Ambas as autoras se inspiram em Woisetschlaeger (1976), que propõe uma distinção entre *descrição fenomenal/evidência* e *descrição estrutural/conhecimento*, correlacionada a progressivo e não-progressivo. O não-progressivo caracteriza o sujeito, em (25) *a.*, enquanto o progressivo denota o seu comportamento, em (25) *b.*

- (25) *a.* Sam drives a truck for the ABC Company/ ‘*Sam dirige um caminhão para a Companhia ABC*’
b. Sam is driving a truck for the ABC Company/ ‘*Sam está dirigindo um caminhão para a Companhia ABC*’

De acordo com Godoi (1993, p. 170), *b.* fornece uma constatação da evidência dos acontecimentos, enquanto *a.* apresenta uma caracterização generalizada (conhecimento) dos fatos: “parece justificado afirmar que a diferença entre as formas *progressivas/simples* está na distinção *evidência/conhecimento*, que permite a inclusão ‘firme’, ‘segura’, relativamente permanente do indivíduo da sentença não-progressiva num determinado conjunto, tendo

essa inclusão o caráter transitório no caso de sentenças progressivas”. Corôa (2005, p. 80) correlaciona a oposição estrutural (*conhecimento/não-progressivo*) e não-estrutural (*evidência/progressivo*) aos verbos *ser* e *estar*, respectivamente.

- (26) a. Pedro *é* doente.
b. Pedro *está* doente

Em (26), *a.* faz uma caracterização sobre o estado de saúde de Pedro; *b.* não caracteriza Pedro, apenas informa sobre suas condições de saúde no momento, e que esta não é sua condição normal, é transitória ou temporária. Considerando IMP e PPROG, Corôa (2005, p. 78) ilustra:

- (27) a. Carlinhos *trabalhava* no IBC quando casou.
b. Carlinhos *estava trabalhando* no IBC quando casou

Considerando *a.* e *b.* em um contexto mais amplo, no qual se descreve Carlinhos, ou em que se dão notícias sobre Carlinhos, que há tempo não é visto, *a.* transmite uma ideia de que o emprego de Carlinhos era estável, duradouro, enquanto *b.* transmite uma ideia de que o emprego de Carlinhos é transitório, temporário, não-estável. Em *a.*, *trabalhar no IBC* caracteriza Carlinhos, está no plano *estrutural/conhecimento*, logo, requisita a forma simples; em *b.*, *trabalhar no IBC* é uma informação sobre a função de Carlinhos no momento, está no plano *não-estrutural/evidência*, requisitando a forma progressiva.

Em termos de aplicação empírica, a oposição *conhecimento/evidência* necessita de uma invasão à mente do falante para buscar pistas sobre a situação (se transitória, se permanente). Como o ponto de vista do analista, por mais focalizado que seja, pode ao máximo se aproximar do ponto de vista do ouvinte, a hipótese não pode ser averiguada com os dados disponíveis nas entrevistas dos informantes.

- (28) E Aí tu já *trabalhavas*, né?
F Aí eu já *estava trabalhando*. Porque quando a Dona Ana me conheceu, a Dona Ana se lembra que eu tinha a casinha arrumadinha de tudo, não era, Dona Ana? tudo arrumadinho, direitinho. (SC FLP FAP 3)

Em (28), a entrevistadora indaga à entrevistada sobre o fato de já trabalhar, resposta confirmada por meio de repetição verbal. De acordo com

a hipótese de Godoi (1993) e de Corôa (2005), a entrevistadora marcaria a informação com traço de conhecimento, e a entrevistada, com traço de evidência. Para confirmar se a informação de conhecimento/evidência tem seu correspondente no mundo (ou seja, se o fato de trabalhar é transitório para a entrevistada), seria necessária uma inserção no mundo da falante. O valor aspectual de andamento/continuidade também se verifica no excerto, e este não necessita de inserção no mundo do falante para ser asseverado.

Considerando a oposição *realis/irrealis* de Givón (1991) e a proposta de classificação de Heine (1995), o traço factuality da situação apresenta três possibilidades: i) situação é fato; ii) situação não é fato, mas tem grande probabilidade de sê-lo; e iii) situação não é fato, e nunca vai sê-lo. Quando IMP e PPROG expressam passado imperfectivo assumem o valor de modalidade *realis*, factual. Entretanto, IMP pode assumir outros valores de modalidade factual, em certos contextos varia com outras formas verbais em que a expressão da modalidade é mais saliente, como o futuro do pretérito e pretérito imperfecto do subjuntivo.

Passado imperfectivo

A análise exposta nas seções anteriores aponta que existe no paradigma verbal do português um espaço para a forma analítica de IMP – PPROG –, e que ambas as formas compartilham traços temporais e aspectuais que podem ser agrupados no rótulo ‘passado imperfectivo’.

Temporalmente, o passado imperfectivo é caracterizado pela anterioridade ao momento de fala e pela sobreposição/concomitância a um ponto de referência passado; Aspectualmente, o passado imperfectivo é caracterizado pela inclusão do ponto de referência no intervalo da situação, com a consequente sobreposição entre situação e referência. A relação entre o número de vezes em que a situação ocorre dentro do intervalo da referência e a delimitação/não-delimitação do intervalo da referência resulta nos diferentes valores aspectuais do imperfectivo: episódico, iterativo e habitual. O valor aspectual imperfectivo episódico pode ser desdobrado quanto ao ponto de referência: se a situação é vista em seu desenvolvimento a partir de um único ponto temporal (ponto de referência momentâneo) é progressiva; se a situação é avaliada em relação a um ponto de referência do tipo intervalo (sucessão de “pontos de focalização”), ou denota a ideia de duração, é continuativa.

Em suma, o rótulo ‘passado imperfeito’ recobre os valores aspectuais progressivo, durativo e iterativo, além de casos ambíguos, aqueles em que não é possível determinar exatamente o valor aspectual em questão. Considerando que a expressão do passado imperfeito seja uma variável linguística do domínio funcional complexo tempo-aspecto-modalidade, IMP e PPROG podem funcionar como variantes.

FREITAG, Raquel Meister Ko. The functional domain tense-aspect-modality of the imperfective past in Spoken Brazilian Portuguese. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 139-170, 2010.

ABSTRACT: *In this text, tense-aspect-modality features of imperfective past are discussed based on Portuguese speech.*

KEYWORDS: *Imperfective Past. Tense. Aspect. Modality.*

Referências

BERTINETTO, P. M.; EBERT, K.; DE GROOT, C. The progressive in Europe. In: DAHL, O. (Ed.). **Tense and aspect in the languages of Europe**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000. p.517-558.

BERTINETTO, P. M. The progressive in Romance, as compared with English. In: DAHL, O. (Ed.). **Tense and aspect in the languages of Europe**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000. p.559-664.

BONOMI, A. Semantical remarks on the progressive reading of the imperfective. Trabalho apresentado no **Tubingen Workshop on Tense and Aspect**, 1998.

BORBA COSTA, S. B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.

BRUCART, J. El valor del imperfecto de indicativo en español. **Estudios Hispánicos**, Barcelona, n.6, p. 193-233, 2003.

CAMARA Jr., J. M. **A forma verbal portuguesa em -ria**. Georgetown: Georgetown University Press, 1967.

CAMPOS, O. et al. A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. In: CASTILHO, A.; BASÍLIO, M. (Orgs.). **Gramática do Português Falado: as abordagens**. Vol. IV. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp, 1993. p.35-78.

CARDOSO, A.; PEREIRA, S. Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em português. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 2, n. 2, 2003. p. 159-181.

CASTILHO, A. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. (Orgs.). **Gramática do português falado: novos rumos**. Vol. VIII. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 83-121.

COAN, M. **Anterioridade a um ponto de referência passado**: pretérito (mais que) perfeito. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

_____. **Tense**. 4. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CORÔA, M. L. **O tempo dos verbos do português**: uma introdução à sua interpretação semântica. São Paulo: Parábola, 2005.

DAHL, Ö. **Tense and aspect in the languages of Europe**. Berlin/New York, York: Mouton de Gruyter, 2000.

FREITAG, R. Traços aspectuais do pretérito imperfeito do indicativo e do passado progressivo no português em contextos de variação. **Revista Letras**, Curitiba, v. 72, p. 251-271, 2007.

GIBBON, A. **A expressão do futuro na língua falada em Florianópolis**: variação e gramaticalização. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GIVÓN, T. **English grammar**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991.

_____. **Syntax**: a functional-typological introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

GODOI, E. **Aspectos do aspecto**. 1992. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

_____. Progressivo: além do aspecto. **Revista Letras**, Curitiba, v. 41-42, p. 165-170, 1993.

GORSKI, E. et al. Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (Org.). **Variação e mudança no português falado da região sul**. Pelotas: Educat, 2002. p. 217-268.

HEINE, B. Agent-oriented and epistemic modality. In BYBEE, J.; FLEISHMAN, S. (Eds.). **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995. p.17-54.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E; HEINE, B. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v. 1. p. 17-35.

IKEDA, S. O pretérito imperfeito: a importância da superestrutura na sua compreensão. **DELTA**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 43-70, 1992.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto, 1997.

JOHNSON, M. A unified temporal theory of tense and aspect. In: TEDESCHI, P; ZAENEN, A. (Eds.). **Tense and aspect**. New York: Academic Press. 1981. p. 145-175.

LONGO, B.; CAMPOS, O. A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. (Orgs.). **Gramática do Português falado: novos estudos**. Vol. VIII. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 455-475.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Almedina, 1983.

MATOS, S. Aspectos da semântica e pragmática do imperfeito do indicativo. **Revista da Faculdade de Letras ‘Língua e Literaturas’**, Porto, n. 8, p. 435-473, 1996.

MENDES, R. B. **Estar + gerúndio e ter + participípio**: aspecto verbal e variação no português. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em estudos da linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

MENON, O. P. Gerundismo? **Revista Lingua(gem)**, Macapá, v. 1, n. 2, p. 191-236, 2005.

MOLENDIJK, Arie. The imparfait in French and the past progressive in English. In: HOLLEBRANDSE, B.; HOUT, A.; VET, C. (Eds.) **Crosslinguistic views on tense, aspect and modality**. Amsterdam: Rodopi, 2005. p. 119-130.

PALMER, F. **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

REICHENBACH, H. **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company, 1947.

SQUARTINI, M. **Verbal periphrases in Romance**: aspect, actionality, and grammaticalization. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.

TORRES CACOULOS, R. From lexical to grammatical to social meaning. **Language in Society**, Cambridge, n. 30, p. 443-478, 2001.

VERKUYL, H. **A theory of aspectuality** – the interpretation between temporal and atemporal structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

VIARO, M. E. Para uma abordagem sintático-semântica da projeção adverbial nos verbos portugueses do tipo jogar fora. **Filologia e linguística portuguesa**, São Paulo, Humanitas, v. 5, p. 143-176, 2003.

WACHOWICZ, T. C. **As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.